

Análise fonológica do infinitivo na fala e leitura de crianças

Sílvia Renata Bertani¹

• Introdução

O presente trabalho insere-se nas perspectivas da Linguística Aplicada por aproximar-se do estudo da parte prática da linguagem, tendo por base o referencial teórico subsidiado pela Linguística Geral. Este estudo leva em consideração as implicações pedagógicas que possam ser pertinentes posteriormente.

O objetivo básico desta pesquisa é descrever o apagamento ou a retenção do arquifonema /R/ como travador de sílaba dos verbos no infinitivo impessoal do Português. Partiu-se da análise de narrativas lidas e contadas por crianças.

1. Pressupostos teóricos

Nesta seção, discutiremos os pontos básicos do modelo teórico utilizado como referência para a análise dos dados, que será feita posteriormente. Os seguintes aspectos serão abor

¹ Professora de Linguística da URI, campus de Frederico Westphalen, mestranda em Estudos da Linguagem na UFRGS, área de aquisição da linguagem.

dados: definição do infinitivo, tipo de gramática utilizada pela escola, competência comunicativa e narrativa representada.

1.1 Definição de infinitivo

Primeiramente, é necessária uma definição do infinitivo na Língua Portuguesa. O infinitivo é descrito por MATTOSO CÂMARA JR. (1992) como sendo a "forma verbo-nominal que corresponde à apresentação do processo em si mesmo em vez de sê-lo em função de um dado momento da sua realização, como nas formas verbais propriamente ditas" (p. 146). O infinitivo é o verbo sem a marcação específica de tempo.

1.2 Gramática normativa

Dentre os vários tipos de gramática existentes, parece que a gramática normativa ocupa um lugar privilegiado nas aulas de português. TRAVAGLIA (1996) define o que se entende por gramática normativa:

A gramática normativa, que é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. Ao lado da descrição da norma ou variedade culta da língua (análise de estruturas, uma classificação de formas morfológicas e léxicas), a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira, (p. 30-31)

Através do ensino deste tipo de gramática, o professor de 1- grau pretende levar o aluno ao domínio da norma culta padrão, preferencialmente da modalidade escrita da língua (TRA-VAGLIA, 1996).

1.3 Competência comunicativa

A competência comunicativa, isto é, "a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação" (TRAVAGLIA, 1996, p. 17) parece ser relegada a segundo plano ao adotarmos a gramática normativa, uma vez que a norma culta é usada somente em algumas situações de interação comunicativa. Ao apresentar somente uma variedade da língua, a escola parece não habilitar o aluno a adequar socialmente sua linguagem.

Apesar das limitações dos meios escolares, a criança desenvolve a competência comunicativa (ROMAINE, 1984). HYMES (*apud* ROMAINE, 1984) atesta este desenvolvimento quando diz:

A child from whom any and all of the grammatical sequences of a language might come with equal likelihood would be, of course, a social monster. Within the social matrix in which it acquires a system of grammar, a child acquires also a system of use regarding persons, places, purposes, other modes of communication, etc. - all the components of communicative events, together with attitudes and beliefs regarding them. There also develop patterns of the sequential use of language in conversation, address, standard routines and the like. In such acquisition resides the child's sociolinguistic competence (or, more broadly, communicative competence), its ability to participate in its society as not only a speaking but also a communicating member, (p. 138)

1.4 Narrativa representada

Para os fins deste estudo, é relevante esclarecer o termo 'performed narrative' usado por WOLFSON (*apud* ROMAINE, 1984). A criança, ao narrar, tenta representar a história, usando, para isso, estratégias características da 'performed narrative', tais como: 'discurso direto, apartes, repetição, sons expressivos e efeitos sonoros, sinais, gestos' (WOLFSON, *apud* ROMAINE, 1984, p. 148). Nesta pesquisa, será enfocada a relação entre o uso do discurso direto (traço acima citado da narrativa representada) e a retenção (pronúncia) do /R/ do infinitivo. O discurso direto é considerado como sendo a reprodução das falas dos personagens pela criança, exclusivamente encaixado na narrativa.

2. Metodologia

Esta seção será composta da descrição dos seguintes tópicos: corpus, sujeitos, coleta de dados, transcrições.

2.1 Corpus

O corpus deste estudo é composto por gravações de caráter narrativo, obtidas de crianças. No total são seis narrativas, cada criança forneceu um relato oral e uma leitura oral da história.

2.2 Sujeitos

Os sujeitos são três crianças recém-alfabetizadas, mono-língües, com idade variando entre sete anos e oito meses a oito anos e quatro meses. Mais precisamente:

Sujeito 1 (S1)- sete anos e oito meses;

Sujeito 2 (S2) - sete anos e oito meses;

Sujeito 3 (S3) - oito anos e quatro meses.

Para a seleção dos informantes, não foram levados em consideração aspectos sociais.

2.3 Coleta de dados

A coleta de dados foi feita através de várias tarefas executadas pelas crianças. Primeiramente, pedi que cada criança lesse a história infantil "Os Três Porquinhos", gravando esta leitura oral.

Depois de alguns dias, foi pedido que as crianças contassem a história que haviam lido, sem a presença do livro; este relato oral foi igualmente gravado por mim. Em ambas as tarefas, as crianças sabiam que estavam sendo gravadas.

A pesquisadora escolheu a história infantil "Os Três Porquinhos" (ver anexo B) porque encontrou nela vinte e sete verbos no infinitivo. Com essa incidência de infinitivos, os dados poderiam ser levantados de uma maneira melhor.

2.4 Transcrições

As transcrições do material gravado foram feitas de acordo com as normas ortográficas vigentes no Português. Para delinear melhor o fenômeno do apagamento do /R/ nos verbos infinitivos, foram utilizados os seguintes códigos:

/R/ => Indica a retenção do arquifonema /R/ dos verbos no infinitivo è

Ø => indica o apagamento do arquifonema /R/ dos verbos no infinitivo

* => indica a tomada de turno por um falante

() => segmentos, palavras ou expressões abandonadas pelo falante ou repetidas

F1 => falante que participa das tarefas

F2 => falante que participa das tarefas

S1, S2, S3 => sujeito que está executando as tarefas

‘ ‘ => indicam palavras típicas da fala informal, fora da língua padrão

3 Análise dos dados

Frente aos dados, transcritos em anexo, pôde-se perceber que o fenômeno em estudo apresenta-se de maneira diferente, dependendo da tarefa em questão. De um lado, a leitura parece ter uma configuração bastante uniforme. De outro lado, a fala demonstra ser peculiar. A tabela abaixo relaciona o infinitivo com as tarefas realizadas pelas crianças.

Tabela 1 - *Relação entre as tarefas e a retenção ou apagamento do /R/ dos verbos no infinitivo*

		apagamento	retenção
leitura	n = 76	0,0%	100,0%
fala	n = 44	56,8%	43,1%

n: número de ocorrências de verbos no infinitivo.

Antes de analisar os dados, cabe ressaltar que o número total de verbos no infinitivo na tarefa da leitura é menor que o total que a narrativa escrita apresenta; isto se deve ao fato de um sujeito não ter lido duas páginas do livro.

Os resultados parecem evidenciar que a presença da letra exerce um papel importante na pronúncia do /R/. As crianças pesquisadas tendem a pronunciar este /R/ ao lerem, talvez pela

tentativa de decodificação dos registros gráficos, por serem re-cém-alfabetizadas.

Ao contarem a história infantil, percebe-se um apagamento maior. Este fato faz pensar que as crianças ratificam a tendência de apagar este /R/ verificada em dados pesquisados na fala dos adultos. Os dados (retirados do banco de dados do Projeto VARSUL) apontam altos índices de apagamento de /R/ no infinitivo (97% de apagamento em um total de 2.368 ocorrências em doze entrevistas analisadas). Pode-se pensar que o infinitivo esteja se formando na Língua Portuguesa da amostra pesquisada da seguinte maneira: radical + vogal tônica, apagando a desinência do /R/.

Os dados da narrativa falada, no que compete à retenção do arquifonema /R/, suscitaram as seguintes indagações: em que contextos as crianças retêm o /R/ e por que o fazem?

A partir destas questões, relacionou-se a fala e a utilização do discurso direto no que tange ao fenômeno estudado nas narrativas, conforme a tabela abaixo.

Tabela 2 - *Relação entre o apagamento ou retenção do /R/ no infinitivo e o discurso direto*

		Apagamento	retenção
discurso direto	n = 16	0,0%	100,0%
restante da narrativa	n = 28	89,2%	10,7%

Os dados parecem apontar para o fato de que as crianças retêm o /R/ com regularidade em contextos em que há a utilização do discurso direto, traço característico da 'performed narrative'. Pode-se pensar que elas tentam, ao lançarem mão do discurso direto, marcar uma mudança: de narradoras, passam a enunciadoras. Além de usarem o recurso do discurso direto para esse fim, às vezes, mudam o tom de voz e utilizam marcas de

concordância nominal e verbal, fatos não investigados neste estudo, mas que podem ser analisados em trabalhos posteriores.

Ao utilizar o discurso direto, a criança parece se aproximar da norma culta padrão na fala, como mostram o exemplos:

Exemplo 1:

"E daí, (o porquinho, o porquinho), o lobo mau chegou lá e disse:

- Se você não *abri/R/* a porta, eu vou *bufa/R/* e sua casa vai *desmancha/R/*. "

(relato oral da história pelo S1)

Exemplo 2:

"Daí ele disse:

- Abre essa porta, senão eu vou *assopra/R/*, *assopra/R/*. Daí, ele assoprou, ele não conseguiu *derrubáØ*

(relato oral da história pelo S3)

Pode-se notar claramente nestes exemplos que quando o sujeito usa o discurso direto, retém o /R/. No segundo exemplo, observa-se uma mudança na maneira de falar quando o sujeito abandona o discurso direto e volta a ser o narrador da história: parece haver uma espécie de "code-switching" no discurso direto. Pode-se explicar esta diferenciação feita pelas crianças levando-se em conta a seguinte hipótese: os pais e professores, com os quais a criança costuma ter contato, tentam contar histórias de uma maneira teatralizada, mudando várias marcas linguísticas e prosódicas ao usarem o discurso direto. Esta hipótese não foi testada ainda, mas poderá vir a ser estudada.

Com relação aos resultados da tabela 2, cabe explicitar que a baixa porcentagem de erres retidos na fala pertencem ao

começo da narrativa, quando as crianças provavelmente ainda estão tensas e preocupadas com a maneira de falar.

Estes resultados nos levam a pensar em uma proposta de atividades no ensino de língua materna. Esta proposta será explicitada na próxima seção.

4. Implicações pedagógicas

Partindo-se da preocupação dos professores de 1º grau em ensinar ao aluno a norma culta padrão, pôde-se perceber, através deste estudo, que as narrativas têm um papel importante neste intuito. É possível desenvolvermos atividades que aproximem o aluno da variante padrão da língua.

Uma das atividades que podem ser desenvolvidas são as dramatizações de narrativas. Provavelmente, ao reproduzirem a fala de um personagem, as crianças usarão várias marcas linguísticas da variante padrão, a fim de marcar que não são elas que estão falando, mas sim um personagem.

Outra atividade que pode ser estimulada é a leitura oral de narrativas. Neste caso, a leitura pode ser feita pelos professores (com ênfase e entoação diferentes nas falas dos personagens) em algumas ocasiões e pelas crianças, em outras.

Conclusão

O presente estudo mostra algumas propostas que podem ser postas em prática na sala de aula, configurando-se, assim, a Linguística Aplicada como uma ramificação importante da Linguística Geral.

Este trabalho, por ter poucos sujeitos, não nos leva a fazer generalizações, mas pode vir a ser ampliado sob vários aspectos, tais como: comparação entre o que estava escrito e o que

as crianças leram, comparação entre fala, leitura e escrita (com a inclusão de uma tarefa), etc.

Enfim, este estudo é o começo de uma investigação sobre um fenômeno lingüístico que merece uma elucidação mais abrangente e explicativa.

Referências bibliográficas

- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 16^a ed., 1992.
- ROMAINE, S. *The Language of Children and Adolescents*. New York: Blackwell, 1984.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1^a e 2^a graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

Anexo A - Transcrições

Sujeito 1

a) Leitura oral da história infantil: "Os Três Porquinhos".

S1 * Era uma vez três porquinhos que saíram (and) andando, andando pelo mundo. Cada porquinho foi por um caminho diferente. O primeiro porquinho encontrou um homem com um monte de palha. O porquinho perguntou: - Moço, quer me **da/R/** um pouquinho de palha para **faze/R/** a minha casa?

O moço foi e deu um pouquinho de palha. Pronto. Terminou.

Fl * E o resto?

S1* Terminou.

Fl * Só a outra folha prá nós escutar.

S1* Não.

Fl * Ai, que preguiça. Só outra pra mim saber. E daí?

SI * Tudo isso? Assim que o primeiro porquinho acabou a sua casa, apareceu o lobo mau. O lobo mau falou:

- (Por) Porquinho, deixa eu **entra/R/**. O

porquinho (e) respondeu:

- Não deixo, não deixo, não deixo. (A) Aí,

o lobo gritou:

- (Então, eu vou so a) Então vou **sopra/R/**, (eu vou bu). Fl* Bufá. S1* **Bufa/R/**e sua casa vai **desmancha/R/**.

(A) Aí ela soprou, Fl* Bu bufou S1* Bufou e a casa desmanchou. O porquinho saiu bem Fl* Bem na horinha S1* Bem na horinha. Correu, correu (para) prá **ve/R/** se encontrava os outros porquinhos. Só.

Fl * Só prá nós ver o que aconteceu na outra casinha? O segundo fez o quê?

S1 * O segundo porquinho encontrou um homem com um (fei) feixe de (pe) Fl* lenha S1* lenha, é. O porquinho perguntou:

- (Mó, mós) Fl* Moço. S1 * Moço, me dá um pouquinho de lenha?

O moço foi e deu um pouquinho de lenha. Embaixo. Assim que o porquinho acabou de **faze/R/** sua casa, chegou (a) o lobo mau. O lobo mau falou:

- Porquinho, deixe eu **entra/R/**. O

porquinho respondeu:

- Não deixo, não deixo, não deixo. Aí, o

lobo gritou:

- Então, eu vou **sopra/R/**, eu vou **bufa/R/** e sua casa vai **desmancha/R/**.

Aí, ele (fo) soprou, (bu) bufou e a casa desmanchou. O segundo porquinho saiu bem na horinha. Correu, correu para **ve/R/** se encontrava (o o) os outros porquinhos.

Fl * E aí, o que vai acontecer?

S1 * Que legal!

Fl * Olha que lindo!

SI * O lobo (espava) estava com (muito) muita fome. (En-tã) Então, ele pensou: preciso **pega/R/** esta FI * Este. S1* este porquinho. Aí, ele falou:

- Lá na fazenda do seu (Jo) João tem uns ('mados') FI* Nabos. S1* Nabos lindos, (emor) FI * Enormes SI * Enormes. Será que você não quer **i/R/** lá comigo às seis na manhã, porquinho?

FI * Daí, o que que ele disse ali, 'ó'? Ai, que legal, 'ó'.

S1* - Foi. FI* Vou sim S1* - Vou sim - disse o porquinho.

Mas, ele foi às cinco horas e quando o lobo chegou, ele já estava cozinhando os nabos.

FI * E agora?

S1* Aqui é o último?

FI * Sim.

S1* O lobo estava cada vez com mais fome. Pensou (mou) FI* Noutro. S1* Noutro jeito de **apanha/R/** o porquinho.

- Eu sei onde tem uma linda (macia). FI* Macieira. S1* Macieira. FI* Vem de maçã. S1* - Quer **vi/R/** comigo às cinco horas (a a da não) amanhã prá gente **apanha/R/** maçã?

- Está bem, eu vou. - (dize o porquinho) disse o porquinho. Mas o porquinho foi **apanha/R/** maçã às quatro horas. Logo que ele começou a **apanha/R/** maçã (trepono tre). FI* Trepado. S1 *

Trepado em cima da árvore, chegou o lobo. O lobo perguntou:

- As maçãs (estão) estão FI * Docinhas? S1* Docinhas? FI *

Olha que susto que o lobo deu!

S1 * - Este - disse o porquinho. - Segure essa. Aí, o porquinho atirou a maçã com a maior (fór) força do mundo e, enquanto o lobo ('carica') corria atrás dele, o porquinho (des) desceu da árvore depressa e correu para casa. No dia seguinte, cedinho, o lobo chegou na casa do porquinho. Ele tinha que **pega/R/** esse porquinho. Aí, ele trepou no telhado e desceu pela. FI * Desceu pela chaminé. S1 * (cha) Pela chaminé. Mas, os três porquinhos tinham visto o lobo mau chegando. Eles tiraram a tampa de uma 'emorne' (cha). FI* Leira. S1* Leira de água que estava bem embaixo da chaminé. E foi aquele mergulho. Acabou o lobo mau.

Sujeito 1

b) Relato oral da história infantil: "Os Três Porquinhos"

Fl * A maninha perdeu. E agora eu preciso escreve a histo-rinha. 'Tá', então, conta. Do que que contava a historinha? A história?

S1 * Que o lobo mau queria os três porquinhos que ele 'ta-va' com fome e os três porquinhos queriam **fazê**o casinha deles, né?

Fl * E daí?

S1 * Deles. E que o primeiro não me lembro o que que encontrou. O segundo só sei que encontrou ...

Fl * Tu lembra, Sílvia, o que que é?

F2 * Eu acho que era palha. Não era palha?

Fl * O primeiro era palha. E daí o que aconteceu? E o lobo mau chegou lá e fez o quê?

S1 * O lobo mau 'chego' lá e disse que se ele não abrisse a porta, ele ia **assoprá**o não me lembro como que era ...

F2 * Não era:

- Eu vou soprar, eu vou bufar e sua casa vai desmanchar?

Era assim?

- SI* É.

Fl * Como é que ele dizia?

SI * Se você não **abri/R/** a porta, eu vou **bufa/R/** e sua casa vai **cai/R/**.

Fl * Assim era. E o que mais que tinha?

SI *Hum...

Fl * Depois ...

SI * O segundo encontrou ...

F2 * Era madeira. Lembra que tinha um lenhador?

S1 * E daí o segundo encontrou um lenhador e pediu que o lenhador desse um pouco de madeira pra ele **fazê**o casinha dele. Daí, (o) o coiso deu. E o homem deu. E o lobo mau pegou

...

Fl * Daí o porquinho fez a casa?

S1* Fez a casa ...

Fl * De madeira?

S1* De madeira, claro.

Fl * E daí...

S1* E daí, (o porquinho, o porquinho) o lobo mau chegou lá e disse:

- Se você não **abri/R/** a porta, eu vou **bufa/R/** e a sua casa vai **desmancha/R/**.

(E daí ele) E daí ele, o segundo e daí ele bufou e daí a casa caiu.

Fl * Ele fez o quê?

S1* Ele bufou.

Fl * Bufou? E daí, a casa fez o quê?

S1* Caiu.

E o segundo encontrou tijolos. Um homem 'tava' carregando (tijolos) tijolos e ele pegou os tijolos e ele pediu pro homem **dá** um pouco de tijolos prá ele **fazê** (a) a casa dele. Daí, veio o lobo mau e disse:

- Se você não **abri/R/** a porta, eu vou **bufa/R/** e a sua casa (vai) vai **cai/R/**.

E ele bufou e a casa não caiu.

Fl * A dele não caiu, porque a casa era de...

S1* Tijolo.

Fl* Isso. Então, era essa. Vou 'tê' que 'procura' o livro. Não sei se de repente eu dei prá ti. Não me lembro. Eu perdi o livro.

Aqui em casa não 'tá'. Então, era essa a história.

F2 * Qual é o fim do lobo? Que que aconteceu com ele no final?

Ele... O que que ele fez?

S1 * Terminou.

F2 * Ele não caiu, não entrou na chaminé, assim...

S1 * Ah! Ele entrou na chaminé e (o lobo) e os porquinhos colocaram um fogo na chaminé e ele caiu. (inint.) Os porquinhos ficaram felizes.

Fl * Prá sempre?

F2 * Legal.

Sujeito 2

a) Leitura oral da história infantil: "Os Três Porquinhos".

S2 * Três Porquinhos.

Era uma vez três porquinhos que saíam andando, andando pelo mundo. Cada porquinho foi por um caminho diferente. O primeiro porquinho encontrou um homem com um monte de palha. O porquinho perguntou:

- Moço, quer me **da/R/** um pouquinho para **faze/R/** a minha casa?

O moço foi e deu um pouquinho de palha. Assim que o primeiro porquinho acabou a sua casa, apareceu o lobo mau. O lobo mau falou:

- Porquinho, deixa eu **entra/R/?**

O porquinho respondeu:

- Não deixo não, não deixo não, não deixo não. Aí, o lobo gritou:

- Então, vou **sopra/R/** e vou **bufa/R/** (e) e sua casa vai **desmancha/R/**.

Aí, ele soprou, soprou, bufou e a casa desmanchou. O porquinho saiu bem na horinha. Correu, correu para **ve/R/** se encontrava os outros porquinhos.

O segundo porquinho encontrou um homem (com um) com um feixe de lenha. O porquinho perguntou:

- Moço, me dá um pouquinho de lenha?

O moço foi e deu um pouquinho de lenha. Assim que o porquinho acabou de **faze/R/** sua casa, chegou o lobo mau. O lobo mau falou:

- (Porquinho) Porquinho, deixa eu **entra/R/?**

O porquinho respondeu:

- Não deixo não, não deixo não, não deixo não.

Aí, o lobo gritou:

- Então, vou **sopra/R/** e vou **bufa/R/** e sua casa vai **desmancha/R/**.

Aí, o lobo bufou e a casa desmanchou.

O segundo porquinho saiu bem na horinha. Correu, correu para **ve/R/** se encontrava os outros porquinhos.

Foi então que o terceiro porquinho encontrou um homem com um carrinho cheio de tijolos. O porquinho perguntou:

- Moço, (me dá), quer me **da/R/** uns tijolos pra **faze/R/** minha casa?

O moço foi e deu os tijolos. Assim que o porquinho acabou de **faze/R/** sua casa, chegou o lobo mau e foi logo falando:

- Porquinho, deixa eu **entra/R/?**

O porquinho respondeu:

- Não deixo não, não deixo não, não deixo não.

Aí o lobo gritou:

- Então, eu vou **sopra/R/**, eu vou **bufa/R/** e sua casa vai **desmancha/R/**.

Aí, ele soprou, bufou, bufou e soprou e soprou e bufou, mas a casa não desmanchou.

O lobo estava com muita fome, então ele pensou:

- Preciso **pega/R/** este porquinho.

(Aí ele falou) (Aí) Aí ele falou:

- Lá na fazenda do seu João tem uns nabos lindos, enormes. Será que você não quer **i/R/** lá comigo às seis da manhã, porquinho?

- Vou sim - disse o porquinho.

Mas ele foi às cinco horas e quando o lobo chegou lá, já estava cozinhando os nabos.

O lobo mau estava cada vez mais com fome. Pensou noutro jeito de **apanha/R/** o porquinho.

- Eu sei onde tem uma linda macieira. Quer **vi/R/** comigo, às cinco horas, amanhã, para gente **apanha/R/** maçã?

- Está bem, eu vou - disse o porquinho.

Mas, o porquinho foi **apanha/R/** maçã às quatro horas.

Logo que ele começou a **apanha/R/** maçã trepado em cima da árvore, chegou o lobo.

O lobo perguntou:

- As maçãs estão docinhas?

- Então - disse o porquinho. - Segura essa!

Aí, o porquinho atirou a maçã com a maior força do mundo e, enquanto o lobo corria atrás dela, o porquinho desceu da árvore depressa e correu para casa.

No dia seguinte, cedinho, o lobo chegou na casa do porquinho. Ele tinha que **pega/R/** esse porquinho. Aí, ele trepou no telhado e desceu pela chaminé. Mas os três porquinhos tinham visto o lobo mau chegando. Eles tiraram a tampa (de uma enorme cha...) de uma enorme chaleira de água que estava (bem de) bem debaixo da chaminé. E foi aquele mergulho.

Acabou o lobo mau!

Sujeito 2

b) Relato oral da história infantil: "Os Três Porquinhos"

S2 * Como eu me lembro da história?

F1 * Como tu te lembras...

S2 * Um dia, tinha três porquinhos que resolveram **i/R/** assim 'prumas' casas assim só deles. Aí, eles...

O primeiro porquinho encontrou (uma casa) (um) um homem que 'tava' com um carrinho cheio de palha. Aí, ele perguntou se podia **ficáØ** com um pouquinho de palha. O homem disse assim prá ele, que ele podia **pegáØ**. Então, o segundo porquinho, ele encontrou um homem que tinha um carrinho cheio (de) de tábuas. Aí ele pediu se podia **ficáØ**. Enquanto ele fazia a casinha dele, o primeiro porquinho 'tava' lá e daí, (ele entrou), acabou de **fazêØ** a casa, entrou na casa, chegou o lobo e disse assim prá ele que ele tinha que **abriØ** a porta senão o lobo ia (inint.) (o lobo não). Aí, o lobo assoprou. O porquinho não abriu e o lobo assoprou.

Então, o segundo porquinho, quando acabou de **fazêØ** a casa dele, o lobo chegou e aí ele disse que ia **assopráØ**. Então, o porquinho não quis **abriØ** porque ele 'tava' com o amigo dele

que tinha fugido até lá. Ele 'tava' com o primeiro porquinho que tinha fugido até lá. Aí, o lobo assoprou a casinha deles e o terceiro porquinho já tinha feito a casinha dele, que ele encontrou um homem com um monte (de) de tijolos e fez a casinha dele de cimento e tijolos. Eles foram correndo 'pro' terceiro porquinho prá se **escondêØ** na casa dele. Aí, o lobo foi lá e disse assim, que tinha uma macieira bem lá pertinho, do lado duma pedra. O lobinho foram se **escondêØ** embaixo da cama. O primeiro e o segundo lobo. Mas o terceiro continuou a conversa e disse assim (que ele ia), que ele ia lá às cinco horas da madrugada. Aí, (quan...), mas aí, quando ele acordou, o porquinho foi às quatro da madrugada. E quando o lobo chegou, o porquinho (já tava) já 'tava' fazendo (as) as coisa prá ele **comêØ**. Aí, ele fez torta de maçã, fez suco de maçã, um monte de outras 'coisa'.

Então, (o lobo), o lobo, (ele), ele convidou eles prá **iØ** até uma pessegueira que tinha lá. (E o lobo, e o lobo...) E disse que (inint.) iam às três horas. E os porquinhos foram às duas. (Quando chegou), quando eles subiram na árvore, o lobo falou:

- As maçãs estão gostosas?

Então, o lobo subiu na árvore e..., não, o lobo não subiu na árvore. Eles estavam, os porquinhos, lá e recolheram a escada. E o lobo disse assim, 'ó':

- Eu quero maçã.

Aí, os porquinhos jogaram uma maçã pro lobo. A maçã rolou no mato. O lobo procurou de tudo quanto é lugar, mas não achou a maçã.

Então, enquanto o lobo procurava feito bobo a maçã, os porquinhos desceram, pegaram a escada, correram, botaram num cantinho da casa e entraram correndo.

O lobo, quando ele viu que os 'porquinho' tinham descido da árvore, ele tentou **boláØ** um outro plano prá **pegáØ** os porquinhos.

Enquanto isso, lá na casa dos porquinhos 'tavam' fazendo uma fogueira, 'tava' frio. O lobo teve uma idéia de **subiØ** em cima do

telhado com a escada que eles tinham deixado no cantinho da casa. O lobo pegou a escada e começou a **subiØ**. Ele subiu pela escada, chegou até a chaminé. Ela foi **descêØ**, (os porquinhos 'tavam'), um porquinho viu o pé do lobo subindo. (Eles) E aí eles ficaram mais contentes porque eles já tinham feito o fogo, que 'tava' frio. Aí, o lobo foi descendo, cada vez 'tava' mais quente, daí. Até que ele encostou com a cauda lá. (Saiu pelo mesmo lugar). Saiu pelo mesmo lugar de onde tinha vindo, derrubou a escada e saiu correndo, feito um avião. Aí, os porquinhos ficaram rindo lá e disseram que iam **montáØ** uma casa prá eles morarem 'junto'. Esta foi a história dos três porquinhos.

Sujeito 3

a) Leitura oral da história infantil: "Os Três Porquinhos"

S3 * Os Três Porquinhos.

Era uma vez os três porquinhos que saíram (an) andando, andando pelo mundo. Cada porquinho foi por um caminho.

O primeiro porquinho encontrou um homem com um monte de palha.

O porquinho perguntou:

- Moço, quer me **da/R/** um pouquinho de palha para **faze/R/** a minha casa?

O moço foi e deu um pouquinho de palha.

Assim que o primeiro porquinho acabou a sua casa, apareceu o lobo mau. O lobo mau falou:

- Porquinho, deixa eu **entra/R/?**

O porquinho respondeu:

- Não deixo, não deixo e não deixo.

Aí, o lobo gritou:

- Então, eu vou **sopra/R/**, (eu vou), eu vou (bu) **bufa/R/** e sua casa vai (des) **desmancha/R/**.

Aí, ele soprou, bufou e a casa desmanchou. O porquinho saiu bem (na horinha) na horinha. Correu, correndo prá **ve/R/** se encontrava os três porquinhos.

O segundo porquinho encontrou um homem com cheio (inint.) de lenha.

(Por) O porquinho perguntou:

- Moço, me dá um pouquinho de lenha?

O moço foi e lhe deu um pouquinho de lenha.

Assim que o porquinho acabou de **faze/R/** sua casa, chegou o lobo mau. O lobo mau falou:

- Porquinho, deixa eu **entra/R/**.

O porquinho respondeu:

- Não deixo, não deixo, não deixo.

Aí, o lobo gritou:

- Então, eu **sopra/R/** e vou **bufa/R/** e sua casa vai **desmancha/R/**. Aí, ele soprou, bufou e a casa desmanchou. O segundo porquinho saiu bem na horinha.

Correu, correu, para ser **encontra/R/** com os outros porquinhos.

(Foi então que o tercei...) Foi então que o terceiro porquinho encontrou um homem com um carrinho (de) cheio de tijolos.

O porquinho perguntou:

- Moço, quer me **da/R/** uns tijolos para **faze/R/** minha casa? O moço foi e deu uns tijolos.

Assim que o porquinho acabou de **faze/R/** uma casa, chegou o lobo mau, que foi logo falando:

- Porquinho, deixa eu **entra/R/**.

O porquinho respondeu:

- Não deixo, não deixo, não deixo.

Aí, o lobo gritou:

- Então, vou **sopra/R/** e vou **bufa/R/** e sua casa vai **desmancha/R/**.

Aí, ele soprou e bufou e bufou e soprou e soprou e bufou, mas a casa (desmán...), não desmanchou.

O lobo estava com muita fome, então, ele pensou:

- Preciso (**pega/R**) **pega/R/** este porquinho. Aí, ele falou:

- Lá na fazenda o seu João seus nabos lindos e enormes. Sei que você não quer **i/R/** lá comigo, às (seis) sei da manhã, porquinho?

- Vou sim - disse o porquinho.

Mas ele foi às 'cincos' horas e quando o lobo chegou, eleja estava cozinhando os nabos.

O lobo mau estava cada vez mais com fome. Pensou noutra jeito de **apanha/R/** o porquinho.

- Eu sei onde tem uma linda macieira. Quer vi/R/ (comigo) comigo às 'cincos' horas, amanhã, prá gente **apanha/R/** maçã?

- Está bem, eu vou - disse o porquinho.

Mas, o porquinho foi **apanha/R/** maçã às quatro horas. O lobo que ele começou a **apanha/R/** as maçãs, (tre) preparado em ...

O lobo perguntou:

- As maçãs estão docinhas?

- Não - disse o porquinho. - Segure essa!

Aí, o porquinho atirou a maçã com a maior força do mundo e, enquanto o lobo corria atrás dela, o porquinho (des) desceu a árvore 'despressa' e correu para a casa. No dia seguinte, (ce) cedinho, o lobo chegou na casa do porquinho.

Aí, ele preparou o telhado e desceu na chaminé. Mas, os três porquinhos 'tinha' visto o lobo mau chegando. Eles tiraram a tampa uma enorme chaleira de água enquanto bem abaixo o chaminé.

E foi aquele (mer) mergulho.

E acabou o lobo mau.

Sujeito 3

b) Relato oral da história infantil: "Os Três Porquinhos"

S3 * Três porquinhos (que viviam numa floresta), que viviam numa floresta muito bonita. Eles foram **fazêo** suas casas. Um, ele fez sua casa de palha, outro, fez de madeira e outro, que gostava de **trabalha/R/**, fez uma de tijolo. E daí veio o lobo mau e queria **come/R/** um porquinho. Então, ele foi lá e disse:

- Abre a porta, porquinho. Senão eu vou **assopra/R/** e vou **derruba/R/** a sua casa.

Daí, o porquinho disse:

- Não, eu não vou.

Daí, o porquinho disse. Ele foi lá e assoprou a casa. Daí ele saiu correndo prá casa do amigo dele, do irmãozinho dele, (de) que tinha a casa de madeira. (Daí ele disse). Ele se disfarçou (de) de ovelha e disse:

- Abre essa porta. Eu sou uma ovelhinha que não gosto de **fica/R/** na poeira.

E eles disseram:

- Não vou **abri/R/**. Daí ele disse:

- Então, vou **assopra/R/** esta casa. Daí ele assoprou.

Então, daí ele 'foram' correndo prá casa (do) do irmão deles outros, que 'tavam' com a casa de tijolo (e) e foram... Daí ele disse:

- Abre essa porta, senão eu vou **assopra/R/, assopra/R/**. Daí, ele assoprou, e não conseguiu **derrubáØ**.

Daí ele disse... Daí ele pensou, pensou, pensou. Daí ele teve uma idéia. Daí ele foi lá e entrou pela chaminé. E eles perceberam (que ele) que ele 'tava' entrando na chaminé e fizeram uma fogueira. E ele desceu e queimou a bunda (e saiu) e saiu voando como um foguete.

Anexo B - história infantil: "Os Três Porquinhos"

Era uma vez três porquinhos que saíram andando, andando pelo mundo. Cada porquinho foi por um caminho diferente. O primeiro porquinho encontrou um homem com um monte de palha.

O porquinho perguntou:

- Moço, quer me dar um pouquinho de palha para fazer a minha casa?

O moço foi e deu um pouquinho de palha.

Assim que o primeiro porquinho acabou a sua casa, apareceu o lobo mau.

O lobo mau falou:

- Porquinho, deixa eu entrar.

O porquinho respondeu:

- Não deixo, não deixo, não deixo.

Aí, o lobo gritou:

- Então eu vou soprar, eu vou bufar e sua casa vai desmanchar!

Aí, ele soprou, bufou e a casa desmanchou. O porquinho saiu bem na horinha. Correu, correu, pra ver se encontrava os outros porquinhos.

O segundo porquinho encontrou um homem com um feixe de lenha.

O porquinho perguntou:

- Moço, me dá um pouquinho de lenha?

O moço foi e deu um pouquinho de lenha.

Assim que o porquinho acabou de fazer sua casa, chegou o lobo mau.

O lobo mau falou:

- Porquinho, deixa eu entrar.

O porquinho respondeu:

- Não deixo, não deixo, não deixo.

- Aí, o lobo gritou:

- Então eu vou soprar, eu vou bufar e sua casa vai desmanchar!

Aí, ele soprou, bufou e a casa desmanchou.

O segundo porquinho saiu bem na horinha.

Correu, correu, para ver se encontrava os outros porquinhos.

Foi então que o terceiro porquinho encontrou um homem com um carrinho cheio de tijolos.

O porquinho perguntou:

- Moço, quer me dar uns tijolos pra fazer minha casa?

O moço foi e deu uns tijolos.

Assim que o porquinho acabou de fazer sua casa, chegou o lobo mau, que foi logo falando:

- Porquinho, deixa eu entrar.

O porquinho respondeu:

- Não deixo, não deixo, não deixo.

Aí, o lobo gritou:

- Então eu vou soprar, eu vou bufar e sua casa vai desmanchar!

Aí, ele soprou e bufou e bufou e soprou e soprou e bufou.

Mas a casa não desmanchou.

O lobo estava com muita fome, então ele pensou:

- Preciso pegar este porquinho.

Aí, ele falou:

- Lá na fazenda do seu João tem uns nabos lindos, enormes. Será que você não quer ir lá comigo, às seis da manhã, porquinho?

- Vou sim - disse o porquinho.

Mas, ele foi às cinco horas, e, quando o lobo chegou, eleja estava cozinhando os nabos.

O lobo mau estava cada vez com mais fome. Pensou noutro jeito de apanhar o porquinho.

- Eu sei onde tem uma linda macieira. Quer vir comigo, às cinco horas, amanhã, pra gente apanhar maçã?

- Está bem, eu vou - disse o porquinho.

Mas o porquinho foi apanhar maçã às quatro horas. Logo que ele começou a apanhar maçã, trepado em cima da árvore, chegou o lobo.

O lobo perguntou:

- As maçãs estão docinhas?

- Estão - disse o porquinho. - Segure essa!

Aí, o porquinho atirou a maçã com a maior força do mundo e, enquanto o lobo corria atrás dela, o porquinho desceu da árvore depressa e correu para casa.

No dia seguinte, cedinho, o lobo chegou na casa do porquinho. Ele TINHA que pegar esse porquinho! Aí, ele trepou no telhado e desceu pela chaminé. Mas os três porquinhos tinham visto o lobo mau chegando. Eles tiraram a tampa de uma enorme chaleira de água que estava bem embaixo da chaminé.

E foi aquele mergulho! Acabou o lobo mau!